

**VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO
NO PORTUGUÊS POPULAR E NO PORTUGUÊS CULTO
DE VITÓRIA DA CONQUISTA-BA**

*Gilberto Almeida Meira**

*Maria Aparecida de Souza Guimarães***

*Jorge Augusto Alves da Silva****

*Valeria Viana Sousa*****

RESUMO: No presente artigo discutimos a concordância nominal de número na perspectiva dos pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos fornecidos pela Teoria da Variação e Mudança Linguística propostos por Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Labov (2008). Utilizamos amostras de fala de 12 (doze) informantes do português culto cujos resultados foram comparados com os dados de 12 (doze) falantes do português popular. Os resultados por nós obtidos demonstram de forma inequívoca que o fenômeno da variabilidade nos constituintes do sintagma nominal pode ser verificado tanto na fala de pessoas escolarizadas quanto na fala de pessoas com pouca escolarização, embora nesse último caso a frequência tenha sido maior.

PALAVRAS-CHAVE: Concordância nominal de número; Estudo comparativo; Português popular e culto de Vitória da Conquista-BA; Sócio-história.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

** Mestre em Linguística (Sociolinguística) pela Uesb. Professora auxiliar da Universidade do Estado da Bahia (Uneb).

*** Mestre e Doutor em Letras (Linguística Histórica) pela Universidade Federal da Bahia (Ufba). Professor Titular de Língua e Literatura Latinas da Uesb.

**** Doutora em Letras com área de concentração em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora titular da Uesb.

Introdução

Apresentamos, nesse estudo, uma discussão referente aos resultados da análise estatística da variável dependente: *concordância nominal de número no Sintagma Nominal (SN)*. Os dados da análise foram extraídos do *corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC) e cotejados com o *corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC), utilizando para tal comparação a pesquisa realizada por Guimarães (2014). Os *corpora* por nós utilizados foram constituídos pelos Grupos de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (JANUS).

Consideramos, em nossa pesquisa (português culto), doze informantes os quais divididos segundo critérios sociais em faixa etária e gênero/sexo apresentam em comum o fato de possuírem mais de onze anos de formação escolar. Nesse sentido, o vernáculo de tais informantes foi comparado, usando critérios idênticos aos empregados por Guimarães (2014), exceto no que concerne à escolaridade, nesse caso, considerou-se os “sem escolarização” e os “com escolarização precária”.

A hipótese norteadora de nosso estudo pauta-se na convicção de que os utentes da norma¹ intitulada Português Culto de Vitória da Conquista apresentem, em termos probabilísticos, maiores ocorrências de **concordância nominal de número no SN** graças ao contato com aparatos sociais advindos de uma cultura letrada, escolar em sua essência, cuja sócio-história reflete os valores de uma parcela significativa da comunidade conquistense. Para tanto foram controlados grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, submetidos à análise estatística probabilística, usando-se a ferramenta GoldVarb 3.0b3. Foram considerados significativos os seguintes grupos de fatores, com Input .988 e significância de .004: *posição linear do constituinte, posição do constituinte com referência ao núcleo do SN, Saliência fônica, Gênero/Sexo, Faixa etária e Escolaridade*.

¹ No âmbito de nosso estudo, as expressões “norma culta” e “norma popular” *assim* são tomadas como equivalentes a Português **Culto** e Português **Popular** tal qual advoga Lucchesi (1994) a partir de releitura de Coseriu.

Apoiamo-nos, no presente trabalho, nos postulados da sociolinguística de cunho laboviano, bem como em diversas pesquisas já realizadas no Brasil sobre a variação na concordância nominal de número. Nesse trabalho específico, focamos a nossa discussão na análise empírica dos dados. No entanto, fez-se necessária, brevemente, a sócio-história da comunidade de fala de Vitória da Conquista. Na conclusão, apresentamos uma síntese dos resultados por nós obtidos.

1 Sócio-história da comunidade de fala de Vitória da Conquista

Ao discutir a sócio-história, podemos afirmar que as ideias de Meillet (1958) vão de encontro à teoria de que “a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 2012, p. 271), frase que encerra o Curso de Linguística Geral, atribuída a Ferdinand de Saussure.

Meillet vai além e chega a afirmar que opõe-se a essa visão e afirma que:

A linguística é uma ciência social, e o único elemento variável a que se pode recorrer para explicar a mudança linguística e a mudança social cujas variações da linguagem são apenas consequências, por vezes, imediatas e diretas, e, mais frequentemente, mediatas e indiretas (MEILLET, 1958, p. 17).

O componente social não figura na concepção de Meillet como um pano de fundo a que se pode recorrer, mas um fator necessário e imprescindível para que sejam des-cortinados fenômenos linguísticos (GUIMARÃES; SILVA; SOUSA, 2013).

Assim, com base nessa perspectiva, reconhecemos, tal qual Jorge Augusto Alves da Silva (2005, p. 15) que: “Conhecer a história de uma comunidade de fala é condição *sine qua non* para se discutir as mudanças linguísticas em processo e as que foram concluídas nessa comunidade”.

Labov, em suas pesquisas, tentou apresentar a correlação existente entre as variantes linguísticas e as variantes sociais, efetuando uma abordagem sistemática, cruzando os dados e os interpretando a partir de dados estatísticos. Por essa razão, a teoria laboviana é

considerada quantitativa. A importância de Labov para os estudos linguísticos pode ser auferida pela propulsão de pesquisadores que se lançaram a interpretar os fenômenos linguísticos relacionando-os aos fatos sociais. Conhecimentos da sociologia, da antropologia e da história são, frequentemente, requisitados pelos sociolinguistas para explicar os fenômenos variáveis em estudo, ao mesmo tempo em que tais estudiosos servem-se dos “achados” dos sociolinguistas para poderem melhor perceber as alterações por que passam as sociedades.

Nesse sentido, importa, sempre num estudo que se dedica a explicar questões linguísticas por meio de aspectos sociais, a compreensão da história recente e dos impactos dos agentes sociais sobre essa história.

Em 1982, Suzanne Romaine apresenta à comunidade acadêmica um estudo em que a pesquisadora procura reunir os pressupostos de uma abordagem Sócio-histórica. No estudo, a história social de dada comunidade não é apenas um recurso ou um pano de fundo para as discussões, pois, com o rigor da sistematização, passa a ser uma vida para a construção dos elementos sociais agora considerados pelo lado histórico.

Nesse sentido, as fontes históricas deixam apenas de ser no sentido clássico os documentos e rompem a barreira do documento oficial, podendo abranger outros instrumentos de compreensão das realidades das comunidades de fala. Aos mitos, à fala, às manifestações artísticas (literatura, cinema), juntam-se outros instrumentos de percepção da história social dos povos, tais como testamentos, registros paroquiais, mapas, fotografias, diários pessoais e dados socioeconômicos e populacionais.

Pelo exposto, a nossa opção, no presente estudo, é, ao realizar uma pesquisa na comunidade de fala de Vitória da Conquista, compreender o vernáculo dessa comunidade a partir do espaço social que o informante ocupa e das relações sociais em que esteja envolvido. Dessa forma, para nós, a realização desse estudo teve como elemento relevante o levantamento dos fatores sociais (extralinguísticos dentro do conjunto da Teoria da Variação e Mudança) para a constatação do fenômeno linguístico pesquisado, a concordância nominal de número no SN no município sede de Vitória da Conquista.

Acreditamos que a sócio-história da comunidade de fala de Vitória da Conquista, com o atual estágio de desenvolvimento socioeconômico, aponta para transformações no vernáculo da comunidade que constitui a amostra de nossa pesquisa (português culto e português popular).

Nas palavras de Rosa Virgínia Mattos e Silva (2004) encontramos amparo para a nossa pretensão:

[...] a partir da variação espacial e social sincrônica a novas preocupações com a “história interna” do português brasileiro, que para ser interpretada na sua totalidade exige que melhor e mais detalhadamente se conheça a complexa “história externa” da sociedade multilíngue do espaço que, a partir do século XVI, se denominou Brasil (MATTOS E SILVA, 2004, p. 30).

Levamos em consideração que o material linguístico no qual realizamos a análise (PPVC e PCVC) é condição *sine quan non*, a nosso ver, para explicitar a compreensão que temos do português brasileiro.

2. Análise e discussão dos dados

No âmbito dessa pesquisa, a análise quantitativa dos dados envolveu um total de 2.205 ocorrências extraídas de amostras de fala de doze informantes do PCVC. Como se trata de uma análise atomística, foram considerados os SN com todas as marcas formais de plural, SN com algumas marcas ou apenas uma marca de plural e SN contendo um numeral como primeiro elemento. Por outro lado, desconsideramos as ocorrências em contextos linguísticos em que não se podia verificar a presença do plural no elemento seguinte², bem como aqueles SN cujos núcleos são ditos invariáveis³. A **Tabela 1** expressa a realidade mensurada por meio da ferramenta Goldvarb 3.0b3.

² Eis um exemplo: “as meninas são amigas”.

³ Eis um exemplo: “ele pegou dois ônibus”.

Concordância Nominal	Português culto	%
Com marcas de Plural	1.982 / 2.205	89,9%
Sem marcas de Plural	223 / 2.205	10,1%
Total de Ocorrências	2.205	

Tabela 1 – Variável dependente: Concordância nominal de número

Os dados demonstram, portanto, que a concordância de número no SN das amostras de fala de utentes de Vitória da Conquista – BA assemelha-se ao percentual encontrado por Lopes (2001) na capital do Estado (Salvador). Cumpre lembrarmos que Lopes faz diferenciação entre nível de escolaridade, considerando falantes de 11 anos e de no mínimo 15 anos. Os dados obtidos por Lopes (2001, p.163) foram: escolaridade média (11 anos) 82%, escolaridade superior (mínimo de 15 anos) 96%.

Eis o **Gráfico 1** elaborado a partir dos dados por nós obtidos:

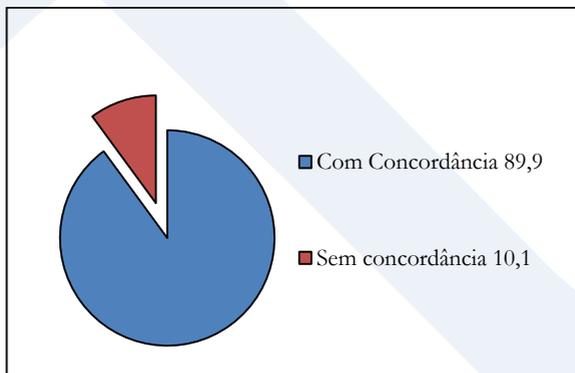


Gráfico 1: Porcentagem de concordância no SN - PCVC

No cotejo com os dados obtidos por Guimarães (2014), das 2.979 ocorrências que foram extraídas da fala de doze informantes do PPVC, os resultados são esses que ora apresentamos, em comparação com os dados por nós obtidos.

Concordância Nominal	PPVC	%	PCVC	%
Com marcas de Plural	1.708 / 2.979	57,3%	1.982 / 2.205	89,9%
Sem marcas de Plural	1.271 / 2.979	42,7%	223 / 2.205	10,1%
Total de Ocorrências	2.979		2.205	

Tabela 2 – Variável dependente: Concordância nominal de número no PPVC e no PCVC

Comparando os resultados obtidos com a variável dependente: concordância nominal de número, em ambas vertentes do português de Vitória da Conquista, conforme **Tabela 2**, já se pode confirmar, preliminarmente, a nossa hipótese, segundo a qual os falantes da norma culta fazem mais concordância nominal de número do que os falantes da norma popular, considerando que os falantes da norma culta estão mais expostos à educação formal, resultado não só do acesso ao letramento, mas de uma perspectiva de mundo em que a escola passa a ser uma fonte de ascensão social. Embora essa constatação possa soar como um truísmo em função, sobretudo, dos diferentes níveis de escolaridade dos informantes, não pode servir de pretexto para se ignorar a atuação das variáveis linguísticas e extralinguísticas sobre o fenômeno por nós investigado. Além do mais, é preciso considerar que as normas espelham realidades de vida em que valores são postos como lastros de uma vida desejável.

A despeito da diferença entre as duas normas, torna-se oportuno trazer a discussão feita por Guimarães (2014) em que se considerou fundamental observar o aparato urbanizador na expansão territorial e expansão simbólica (considerando-se a educação como símbolo de prestígio). Seguindo esse raciocínio, espelhar-se na linguagem da escola torna-se um bem de consumo para as classes sociais (quer antigas quer novas) que ocupam os espaços privilegiados (territoriais, simbólicos e econômicos) em Vitória da Conquista. O *locus urbanus* seria, portanto, o espaço de distribuição simbólica em que a escola entraria como elemento balizador e sua linguagem referendaria o *locus urbanus* assumido.

Nesse sentido, podemos comparar os dados do português culto e os obtidos por Guimarães (2014) a outros estudos realizados em condições sócio-históricas assemelhadas, como no caso do trabalho realizado por Lília Soares Miranda Santos na cidade de

São Leopoldo-MG. Ao pesquisar as normas popular e culta, Santos (2010) encontrou realidade semelhante à vista em Vitória da Conquista no que concerne à norma culta, já que constatou 75% de concordância no SN, mas apenas 24% na amostra a qual denominou de Fundamental. A investigação sociolinguística nos grandes centros urbanos, como nas capitais, a nosso juízo, apresenta um estrato populacional significativo, mas insuficiente para demonstrar a nossa pluralidade linguística. É nesse sentido que estudos realizados por Santos (2010), Martins (2013) e Guimarães (2014) vêm preencher lacunas em relação às novas realidades que surgem com o crescimento populacional e econômico dos novos polos urbanos.

Em seguida, passamos a apresentar e a discutir os grupos de fatores selecionados pelo Goldvarb 3.0b3, observando a ordem de seleção dos grupos considerados relevantes. Reiteramos que nosso estudo tem como lastro a comparação com os resultados obtidos por Guimarães (2014), estudo no qual são apresentadas evidências sobre a configuração sócio-histórica do português popular de Vitória da Conquista⁴.

2.1 Posição linear do constituinte

Para essa variável, nossa hipótese é a de que a primeira posição seja mais favorável a presença de marcas de plural, considerando o estabelecimento da oposição singular *vs* plural. Para tanto, consideramos, seguindo o estudo de Guimarães (2014), quatro fatores, conforme **tabela 3**.

Posição linear do constituinte	PPVC	P.R.	PCVC	P.R.
Primeira posição	1.183 / 1.195 99%	0.81	993 / 995 99,8%	0.95
Segunda posição	455 / 1.522 29.9%	0.28	853 / 1.046 81,5%	0.10

⁴ Tal estudo integra as investigações iniciadas pelo Grupo Janus/CNPq.

Terceira posição	59 / 222 26,6%	0,19	131 / 158 82,9%	0,03
Quarta posição em diante	11 / 40 27,5%	0,20	5 / 6 83,3%	0,08

Tabela 3: Frequência e probabilidade da variante “marcas de plural nos constituintes do SN”, segundo a variável *posição linear do constituinte*.

O **gráfico 2** apresenta de forma sintética os pesos relativos referentes ao PPVC (GUIMARÃES, 2014) e ao PCVC.

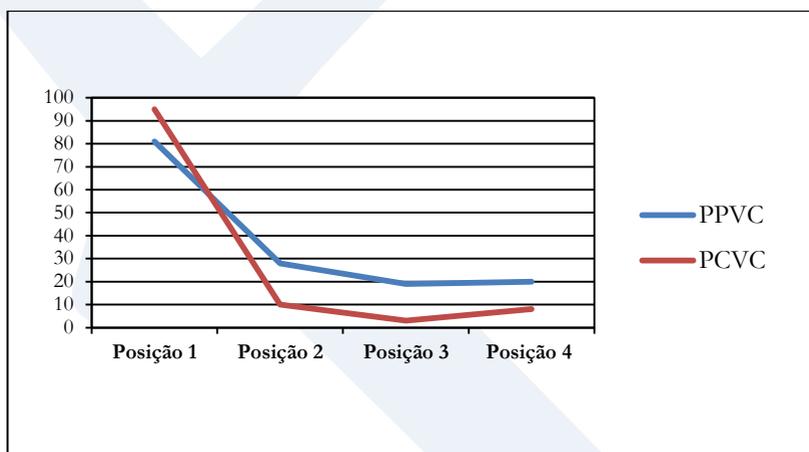


Gráfico 2: Frequência e probabilidade da variante “marcas de plural nos constituintes do SN”, segundo a variável *posição linear do constituinte*.

Os resultados não deixam dúvidas de que a primeira posição tende a favorecer a retenção da marca de plural, o que nos sugere que tal fator, quando analisado isoladamente, conforme fizemos, acaba atestando o caráter funcional da língua, segundo o qual, para evitar redundância, há uma tendência para a informação relevante ser retida no primeiro constituinte sintagmático.

Guimarães (2014), cujos dados do PPVC são aqui apresentados para compararmos com os dados do PCVC, lembra que as explicações e justificativas para a marcação do primeiro elemento do SN têm suscitado toda uma polêmica em torno das possíveis

motivações para essa realidade. No bojo das discussões, estaria a origem do português popular do Brasil, envolvido num acirrado debate em que de um lado estaria a *deriva secular românica* e de outro a *transmissão linguística irregular*. Seguindo este último raciocínio, o contato maciço do português, sobretudo com as línguas africanas, teria desencadeado peculiaridades morfossintáticas, como a variação na concordância nominal de número, que refletiria tendências das línguas crioulas de indicarem o plural, por exemplo, apenas nas estruturas mais relevantes da língua. Por outro lado, segundo aquele postulado, as línguas românicas estariam caminhando para uma simplificação morfológica, pressionadas pelo desaparecimento do rígido sistema de casos do latim; assim, a marcação de apenas um elemento seria uma forma de resgatar, por um caráter sintético já previsto no Latim Vulgar, a informação necessária para estabelecer as oposições e marcá-las. Dito isto, tais posturas têm sido levadas como divisores de água, atualmente em discussão, que pretendem explicar a origem do Português do Brasil, conforme discutiu amplamente Araújo (2014).

Empregando um aporte teórico Funcionalista, Scherre (1988) já veria a questão do favorecimento da marcação de plural na primeira posição como a atuação de um princípio funcional: as *Condições de Distintividade*. De acordo com tal princípio, há uma tendência para a informação semanticamente relevante ser retida na estrutura superficial da língua, o que faz com que informações redundantes sejam canceladas (SCHERRE, 1996, p. 92).

Nessa polêmica, nosso estudo se insere numa tentativa de discutir princípios sócio-históricos que serviriam para explicar não só a formação do espaço urbano, mas a formação do espaço urbano símbolo pela constituição da história linguística. Os núcleos populacionais do interior da Bahia surgem por meio de uma elite agrária de caráter expansionista, ocupando posteriormente o poder político local. O aparato urbanizador, nesse sentido, teria como mola mestra a formação de uma elite cultural, a qual teria a escola como combustível impulsionador.

Retornando à discussão linguística, os dados por nós apresentados para o PCVC estão em consonância com os estudos realizados por outros pesquisadores, tais como Lopes (2001), Andrade (2003), Santos (2010) e Martins (2013).

Portanto, é inegável o favorecimento da primeira posição quando se trata de concordância de número no SN. Nas demais posições ocupadas pelos constituintes por nós analisados, podemos observar que tanto no PPVC quanto no culto os pesos relativos apontam para o desfavorecimento decrescente na indicação de pluralidade, na seguinte ordem: segunda posição 0.28 (PPVC) e 0.10 (PCVC), quarta posição 0.20 (PPVC) e 0.08 (PCVC), terceira posição 0.19 (PPVC) e 0.03 (PCVC).

2.2 Posição do constituinte com referência ao núcleo

Em termos percentuais, ocultos resultados referentes ao português não divergem tanto dos encontrados por Guimarães (2014) em sua análise do PPVC. Assim, obtivemos um índice de marcação de plural de 99,8% e 91,7% para os determinantes em primeira e segunda posição à esquerda do núcleo, respectivamente. O que confirmou a hipótese por nós levantada segundo a qual os determinantes em primeira posição à esquerda do núcleo favorecem mais a marcação de plural.

No PPVC, Guimarães (2014) obteve, em sua análise, 99,3% para os determinantes em primeira posição imediatamente à esquerda do núcleo e 97,8% para os determinantes em primeira posição não adjacente ao núcleo. Em relação aos determinantes em segunda posição à esquerda do núcleo, o percentual por ela encontrado foi de 82,3%, o que só faz confirmar a força condicionadora que tem a posição à esquerda do núcleo na ocorrência de plural nos elementos do SN. Não é à toa que para Scherre (1998), “a posição à esquerda – a posição de proeminência tópica – favorece mais marcas explícitas de plural do que a posição à direita [...], independentemente do nível de escolarização dos falantes” (SCHERRE, 1998, p. 10).

2.3 Saliência fônica

O princípio da saliência fônica foi outra variável selecionada pelo programa cujo resultado refletiu, no caso do português culto, o que já prevíamos, ou seja, os itens lexicais com formação de plural irregular favorecem mais a indicação de pluralidade por se-

rem mais perceptíveis na relação singular / plural. No entanto, em conformidade com os estudos de Scherre (1988), verificamos, na análise dos dados, certa hierarquia na escala da saliência em que os itens mais marcados foram: itens em *-l* (0.87), plural duplo (0.79), itens em *-ões* (0.75), itens em *-r* (0.67), itens em *-m/-em/-ã/-um/-ao* (0.55). Os itens regulares (0.48) superaram apenas os itens em *-s* e *-z* (0.38). Curiosamente, no PPVC, esse último fator foi o que mais favoreceu a marcação de plural, com peso relativo de 0.79. Houve, igualmente, maior favorecimento nos casos de alteração da qualidade vocálica, como em *animal/animais*, mais conhecidos como itens em *-l*, com peso de 0.68, seguido do plural duplo com 0.64. No geral, é possível afirmar que nossa hipótese é confirmada, já que esperávamos que os itens irregulares fossem mais marcados do que os regulares no PCVC.

Comparando nossos dados com os de Lopes (2001), que analisou também o efeito da saliência fônica sobre a concordância nominal no português universitário, notamos um reflexo similar do efeito da saliência fônica em relação a alguns fatores envolvidos nas análises de ambos os estudos. Assim, no PCVC o fator que mais favoreceu a aplicação da regra de plural foram os itens em *-l*, com peso relativo de 0.87. No português universitário de Salvador esse mesmo fator teve marcação categórica de 100%, não sofrendo variação. Comparando ainda os nossos dados com os da autora, em relação a alguns outros fatores da saliência fônica, observamos que no português culto de Vitória da Conquista foram mais marcados também o plural duplo 0.79, os itens em *-ões* 0.75 e em *-r* 0.67. Enquanto que nos dados da capital baiana, entre os universitários, houve uma ligeira diferença na hierarquia desses fatores uma vez que os itens que mais receberam marcas formais foram os itens em *-ões* 0.87, seguidos dos itens em *-r* 0.81, itens em *-s* e *-z* 0.71 e plural duplo 0.65. Em síntese, a pesquisa da autora evidencia, do mesmo modo, que os itens irregulares com maior grau de saliência tendem a ser mais marcados formalmente. Essa foi a mesma conclusão a que chegaram H. Carvalho (1997) e Silva (2011), por exemplo, cujas pesquisas envolveram falantes com diferentes níveis de escolaridade, inclusive o nível superior.

2.4 Variável social: faixa etária

Em relação à idade, nossa análise recai sobre dados de falantes de duas faixas etárias: jovens de 20 a 35 anos (faixa I) e adultos de 36 a 50 anos (faixa II). Para essa variável, partimos da hipótese de que os adultos fazem mais uso da variante explícita de plural nos elementos do SN.

	PCVC	P.R.
Faixa I	1058 / 1086 97,4%	0.76
Faixa II	924 / 1119 82,6%	0.25

Tabela 4 – A aplicação da regra de concordância nominal de número na variável faixa etária

Conforme se pode observar na **tabela 4**, nossa hipótese não foi atestada uma vez que os jovens tendem a apresentar mais marcas de concordância nominal de número no português culto de Vitória da Conquista.

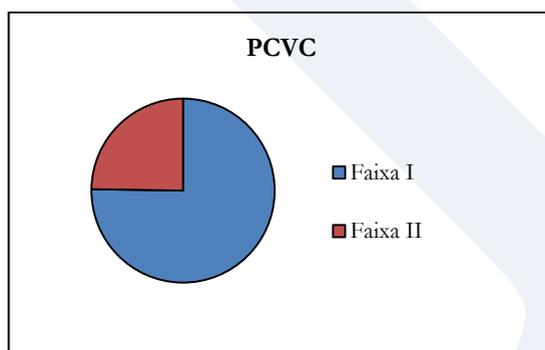


Gráfico 3: Variável faixa etária

Comparemos os dados do PPVC (GUIMARÃES, 2014), conforme **tabela 5**.

	PPVC	P.R.	PCVC	P.R.
Faixa I	499/837 59,6%	0.58	1058 / 1086 97,4%	0.76
Faixa II	683 / 1213 56,3%	0.41	924 / 1119 82,6%	0.25

Tabela 5 – A aplicação da regra de concordância nominal de número na variável faixa etária

Assim como ocorreu no português culto, no português popular os jovens lideram o uso da variante padrão. O peso relativo de 0.58 no PPVC sugere-nos uma provável mudança em curso em direção a um sistema com concordância. Segundo Guimarães (2014),

[...] o processo de urbanização e o crescimento econômico estariam configurando alterações no PPVC, impulsionado pelos mais jovens, por estarem mais sujeitos a valores de outros grupos, bem como por se colocarem próximo a um ideal de urbanidade (GUIMARÃES, 2014, p. 101).

Já no português culto, o peso relativo de 0.76 parece evidenciar uma situação de variação estável, sobretudo pelo baixo índice de variabilidade nos constituintes sintagmáticos. Além disso, a grande maioria dos jovens falantes do PCVC tem nível superior completo ou em andamento, ao contrário da maioria dos adultos cuja formação é em nível técnico profissional.

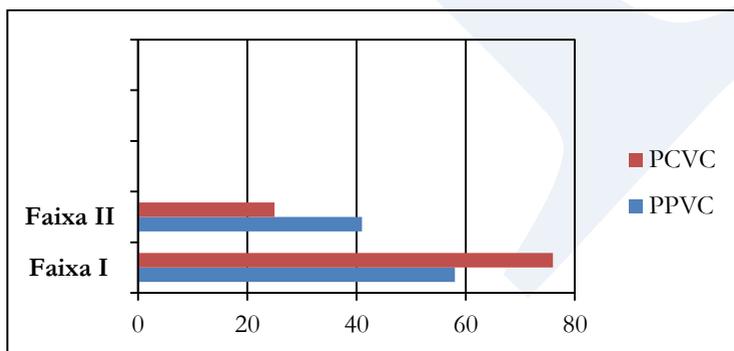


Gráfico 4: Variável faixa etária no português popular e culto

De modo geral, os nossos resultados estão em consonância com aqueles encontrados por H. Carvalho (1997), Andrade (2003), Silva (2011), entre outros.

2.5 Variável social: *sexo*

Com base nos resultados encontrados por Scherre (1988), Santos (2010) e Martins (2013), segundo os quais as mulheres fazem mais concordância nominal de número no SN, elaboramos nossa hipótese para a variável *sexo*, esperando, igualmente, que na comunidade de fala de Vitória da Conquista as mulheres façam mais o uso de marcas formais de plural do que os homens.

	Português culto	P.R.
Mulheres	948 / 1006 94,2%	0.58
Homens	1034 / 1199 86,2%	0.43
Total	1982 / 2.205	

Tabela 6 – A aplicação da regra de concordância nominal de número na variável *sexo*

No que tange à variável social *sexo*, selecionada pelo programa, verificamos que no PCVC há uma maior tendência de aplicação da regra formal entre as mulheres, com peso probabilístico de 0.58. Esse resultado comprova nossa hipótese.

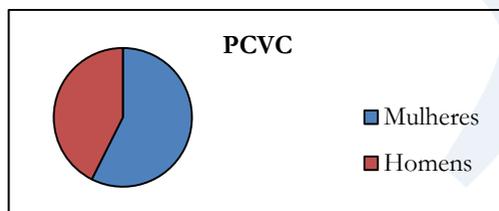


Gráfico 5: A aplicação da regra de concordância nominal de número na variável *sexo*

Em relação ao português popular, os pesos relativos de 0.57 para as mulheres e 0.41 para os homens mostram-nos que, assim como aconteceu no português culto, são as mulheres que fazem mais uso do plural. O que tanto pode sugerir que elas sejam muito mais atentas ao uso das formas mais prestigiadas linguisticamente, como também que elas, apesar das grandes mudanças comportamentais das últimas décadas, sejam mais cercadas e mais cobradas para ter um comportamento mais em conformidade com as convenções sociais do que os homens. Para Guimarães (2014), em relação aos dados do PPVC, “os resultados demonstram que a “emancipação feminina” com a ampliação de seu espaço de atuação favorece à aquisição de padrões linguísticos cada vez mais próximos da norma de prestígio” (GUIMARÃES, 2014). Esse argumento ganha ainda mais força quando o direcionamos às informantes do PCVC que além de terem seu espaço de atuação social mais amplo, estão inseridas no contexto da cultura letrada, tendo um contato muito mais constante e ativo com as formas linguísticas mais prestigiadas socialmente.

Outros estudos, como o de Scherre (1988), mostraram, também, que as mulheres usam mais o plural nos constituintes flexionáveis do SN, com peso relativo de 0.58 contra 0.42 dos homens.

A mesma tendência de uso da forma padrão entre o público feminino foi demonstrada por Martins (2013) que encontrou, probabilisticamente, peso relativo de 0.52 para as mulheres e 0.47 para os homens.

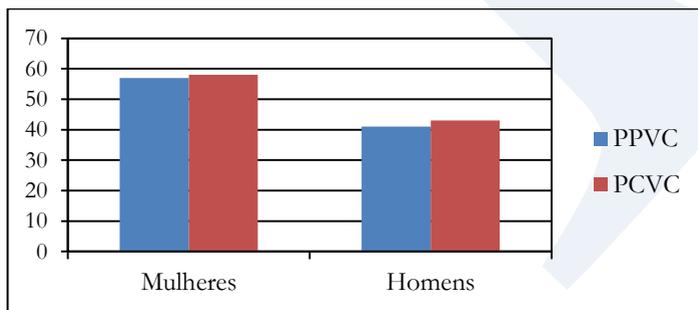


Gráfico 6: A aplicação da regra de concordância nominal de número na variável sexo no PPVC e PCVC

2.6 Variável social: *escolaridade*

A hipótese por nós levantada é a de que a aplicação da regra de concordância nominal é maior entre os falantes com grau de escolaridade em nível superior uma vez que eles estão muito mais expostos a atividades culturais diversificadas nas quais predominam o uso das formas linguísticas mais prestigiadas.

A fim de controlarmos essa variável dividimos os informantes do PCVC em dois grupos: os de nível superior e os de formação em cursos profissionalizantes. A lógica para esse divisão se pautou no fato dos cursos de nível superior terem a chance de incluir em seus currículos matérias/disciplinas de cunho humanístico o que acarreta a leitura de textos mais densos e a necessidade de produção acadêmica, além de exposições em seminários, congressos, simpósios, ou seja, atividades que requerem o uso de norma culta e o cuidado ao falar em público. Os resultados obtidos foram os seguintes:

Escolaridade	Português culto	P.R.
+ de 11 anos: curso profissionalizante	911 / 1112 81,9%	0.26
+ de 11 anos: nível superior	1071 / 1093 98%	0.74

Tabela 7: Variável escolaridade

Observando a **tabela 7**, percebemos logo que nossa hipótese se confirmou, já que, probabilisticamente, os resultados mostram que a parcela de falantes do português culto, com formação em nível superior, tende a fazer mais concordância nominal de número, com peso relativo de 0.74. O que pode ser explicado, conforme hipótese por nós levantada, pela exposição mais constante dos estudantes a atividades culturais diversificadas nas quais há a preponderância do uso das normas culta e padrão da língua portuguesa.

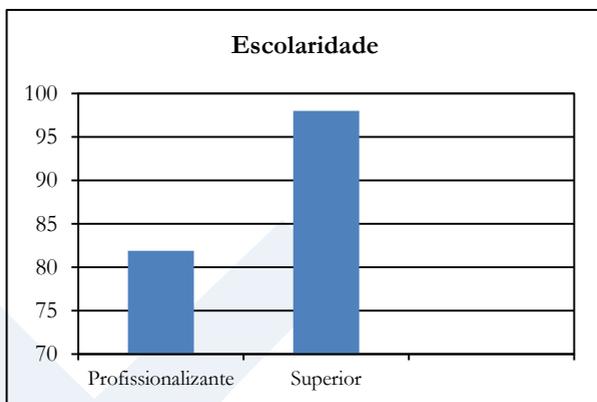


Gráfico 7: variável escolaridade no PCVC

Na **tabela 8**, a seguir, apresentamos para essa variável os resultados do português popular analisado por Guimarães (2014).

Escolaridade	PPVC	P.R.
1 a 2 anos	896 / 1589 56%	0.44
3 a 4 anos	255 / 458 55,7%	0.49
5 anos	557 / 932 59,8%	0.59

Tabela 8 - A aplicação da regra de concordância nominal de número na variável escolaridade.

Observando os resultados do português popular e do português culto, percebemos logo o que já é quase um consenso e um truísmo entre os pesquisadores, a saber, quanto maior o nível de escolaridade do falante, maior o índice de marcas de plural.

É importante destacar também que enquanto na norma culta o falante com nível superior completo faz muito mais concordância nominal, no português popular a frequência de aplicação da regra de concordância é bem menor. Essa diferença entre o comportamento objetivo dos falantes pode refletir, muitas vezes, nas diferenças dos juízos de

avaliação que tendem a separar, socialmente, os falantes da norma culta dos falantes da norma popular, constituindo, nesse caso, a base do preconceito linguístico que ainda impera na sociedade brasileira como um todo.

Conclusão

Investigamos, nesse estudo, amostras de fala de informantes da zona urbana de Vitória da Conquista, classificados, conforme os anos de formação escolar, em falantes do português popular (até cinco anos de escolarização) e falantes do português culto (com mais de onze anos de escolarização), considerando, nesse último caso, a educação profissional técnica e o nível superior.

De modo geral, nosso estudo evidenciou um altíssimo índice percentual da variante explícita de plural entre os informantes do português culto. Com exceção de um único fator da variável estrutural saliência fônica - os itens em $-s$ e $-\zeta$ que favoreceram a marca de plural em 72,1% - todos os demais fatores de todas as variáveis independentes atingiram percentuais acima de 80%. O que comprova que, em termos percentuais, os falantes da norma culta do português de Vitória da Conquista fazem muito mais concordância nominal de número do que os falantes do português popular. Essa constatação só faz reforçar o que muitas outras pesquisas já comprovaram, a saber: quanto maior o tempo de exposição à escola e o nível de escolarização, maior o uso de formas linguísticas mais prestigiadas, como a indicação de plural nos constituintes flexionáveis do SN.

No mais, os resultados não deixam dúvida de que o fenômeno da variabilidade na concordância nominal de número no português de Vitória da Conquista se apresenta, nitidamente, como um caso de variação estável em que as duas variantes: presença e ausência de marcas de plural no SN coexistem na fala dos informantes. No entanto, o índice de variação foi bem maior entre os falantes do português popular, havendo, inclusive, um processo de mudança em curso em direção à aquisição de marcas de plural entre os mais jovens.

Esperamos, com esse estudo, contribuir para o conhecimento da realidade sociolinguística de Vitória da Conquista, tendo em vista a afirmação do município como mais uma área dialetal brasileira com um fecundo campo sociolinguístico a ser cada vez mais explorado.

VARIATION IN NOMINAL AGREEMENT OF NUMBER IN STANDARD AND SUBSTANDARD PORTUGUESE IN VITÓRIA DA CONQUISTA-BA

ABSTRACT: This research investigates the phenomenon of the variation in the nominal number agreement in Standard and Substandard Portuguese in Vitória da Conquista – BA, Brazil, using the Theory of Variation and Change. We aim, therefore, perform a comparative study of the data we reviewed and analyzed by Guimarães (2014) for the Substandard Portuguese.

KEYWORDS: Comparative study; Nominal number agreement; Social history; Standard and substandard Portuguese in Vitória da Conquista-BA.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Patrícia Ribeiro de. *Um fragmento da constituição sócio-histórica do português do Brasil: variação na concordância nominal de número em um dialeto afro-brasileiro*. Dissertação de mestrado, UFBA, Instituto de Letras, 2003.

ARAÚJO, S. S. de F. *A concordância verbal no português falado em Feira de Santana – BA. Sociolinguística e sócio-história do português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

CARVALHO, Hebe. *Concordância nominal: uma análise variacionista*. João Pessoa: UFPB, 1997.

GUIMARÃES, Maria Aparecida Souza. *Variação na concordância nominal de número no português popular de Vitória da Conquista – BA: contribuições para compreensão da sócio-história do português do Brasil*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, UESB, 2014.

GUIMARÃES, M. A. de S.; SILVA, J. A. A da; SOUSA, V. V. Pelo Sertão da ressaca: Vitória da Conquista – Nova Cidade, um resgate histórico. In: COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO, 10., 2013, Vitória da Conquista. *Anais...* Vitória da Conquista: Edições UESB, 28 a 30 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/3244/2947>>. Acesso em: jul. 2014.

LOPES, Norma. *A concordância nominal, contexto linguístico e sociedade*. Tese de doutorado, UFBA, Faculdade de Letras, 2001.

MARTINS, Flávia Santos. *Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do alto Solimões (Amazonas)*. Tese de doutorado. Florianópolis: UFSC, 2013.

MATTOS E SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MEILLET, Antoine. *Linguistique Historique et Linguist Générale*. Vol. 1. Paris: Honoré Champion, 1958.

ROMAINE, Suzanne. *Socio-historical Linguistics: its status and methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

SANTOS, Lília Soares Miranda. *Sobre a ausência de concordância nominal no português falado em Pedro Leopoldo-MG: uma abordagem variacionista*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M. de; SCHERRE, M. M. P. (Org.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Universidade Federal do Rio Janeiro, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Reanálise da Concordância Nominal em Português*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.

SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. *Sobre a concordância de número no português falado do Brasil*. In Ruffino, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509-523, 1998.

SILVA, Janaína Biancardi de. *A concordância nominal na fala capixaba*. I congresso nacional de estudos linguísticos, Vitória-ES, 2011.

SILVA, J. A. A. da. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado de Bahia*. 2005. 323 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

Recebido em 16/08/2015.

Aprovado em 02/11/2015.